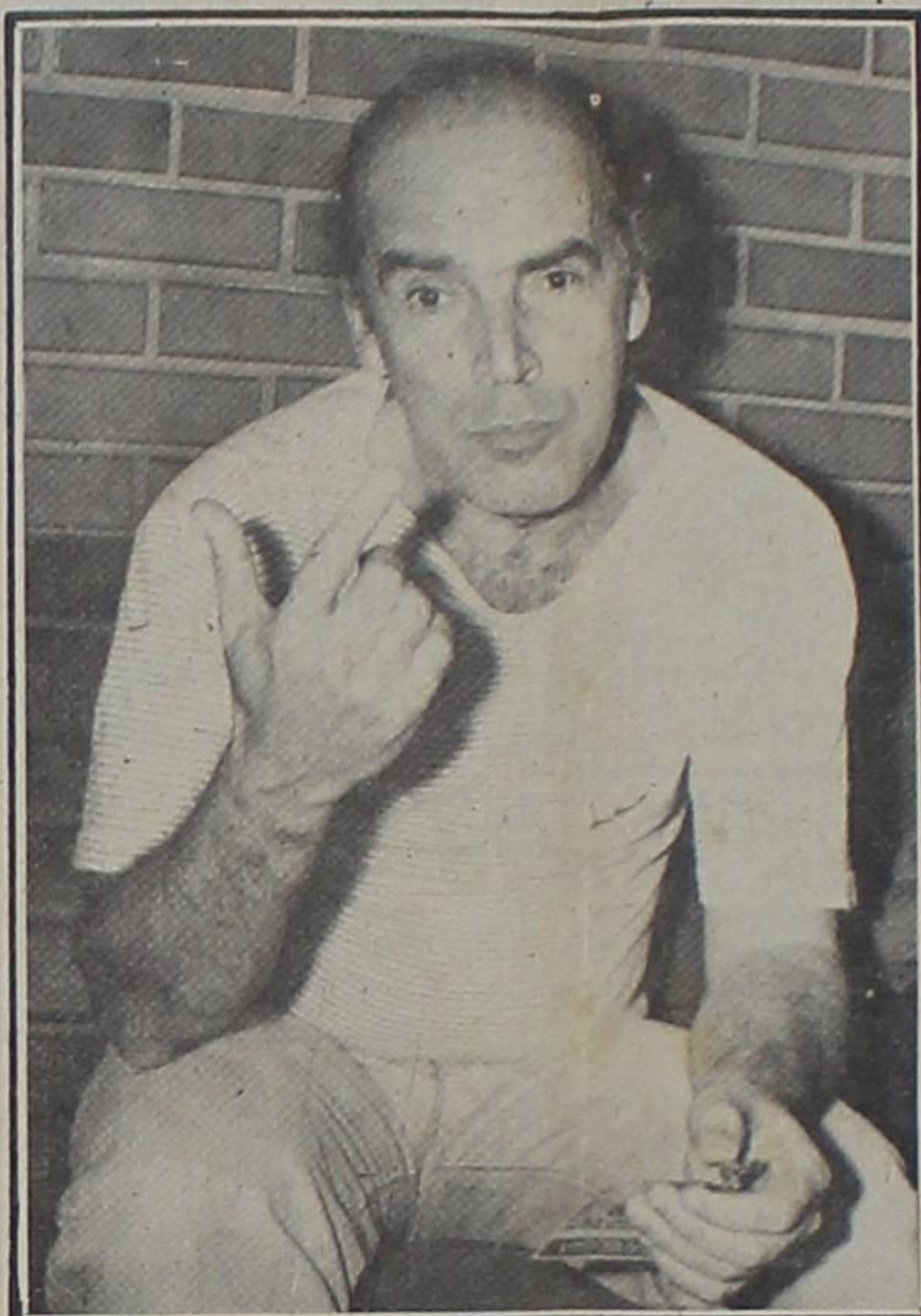


## João das Neves e a popularização do teatro

Foto de Ailton Lopes

João das Neves autor de "O Último Carro", está em Vitória para coordenar uma oficina de direção teatral, que começará de hoje até domingo, sempre a partir das 18 horas, sendo que sábado e domingo a partir das 14. João das Neves é o último remanescente do grupo Opinião e ainda defende a popularização do teatro pelos subúrbios.



João das Neves: "O Estado não pode interferir na ação cultural"

O DEC (Departamento Estadual de Cultura) está promovendo, a partir de hoje, na Casa da Cultura, um curso de direção, que faz parte de quatro oficinas ligadas ao teatro. Após essa, haverá uma de cenografia e figurinos, por Moacir de Góes (de 7 a 10 de outubro) e uma sobre iluminação, por Jorginho de Carvalho (de 21 a 06 de outubro). As inscrições para as oficinas podem ser feitas no teatro Carlos Gomes e na sede da Apateedes, na Casa da Cultura.

Para a primeira, o DEC convidou João das Neves, o último remanescente do grupo teatral Opinião, primeiro grupo de teatro que, no campo cultural, protestou contra os golpistas do movimento militar de 1964. João das Neves começou no Centro Popular de Cultura da UNE (CPC), de onde se formou o grupo Opinião. Frequentou um curso de direção e de ator na Fundação Brasileira de Teatro, e, atualmente tem uma peça em cartaz no Rio de Janeiro e dá cursos de direção e de interpretação. Sem falar de um trabalho que está sendo adaptado para rádio na Alemanha. Aqui, algumas de suas opiniões:

— Como você pensa hoje o grupo Opinião?

— Eu o vejo como o que realmente ele foi, isto é, uma reação ao golpe militar de 64, ou seja, como um meio de expressarmos a nossa visão do funcionamento da arte e do artista na sociedade.

— Você ainda sustenta a proposta de popularização do teatro pelos subúrbios?

— Claro. E não vejo por que não, pois que a arte sempre está ligada a vivência humana.

— Você arriscaria uma comparação entre os grupos surgidos na década de 60 e os surgidos na atual década?

— Naquela época havia uma situação diferente. Era um estado de excessão, onde era proibido falar sobre a situação sócio-econômica do país. Então é claro que a tendência era aparecer grupos com uma proposta de falar sobre a situação sócio-política do país. Hoje em dia não. Há várias outras possibilidades pois os horizontes se abriram mais, possibilitando, assim, uma variedade de enfoques.

— O que você acha da cisão do MEC em Ministério da Educação e Ministério da Cultura?

— Eu não sei. Se não se repetir toda aquela picaretagem que nós

conhecemos, como por exemplo, cabide de empregos, etc, acho que poderá dar certo. Eu acho que a ação do Estado consiste em não interferir na realização da ação cultural. É isso que eu temo. Eu acho que o Estado deva garantir uma parcela do mercado cultural para a produção nacional, não permitindo a ocupação total e completa desse mercado pelos produtos produzidos em outros países. Não se trata de proteger, manter fazer festas de São João, valorizar a família, etc. O Estado não pode interferir na ação cultural. Ele deve apenas garantir um espaço para a cultura local.

— Como você acha que poderia ser solucionado o problema do colonialismo cultural interno no Brasil?

— Acha que esse problema é um problema essencialmente de espaço. Por exemplo, aqui no Espírito Santo. Vocês têm apenas um teatro. É um espaço muito exíguo para os grupos daqui, para as companhias que vem de fora e até para festinhas e coisas como essas. Ora, o problema é de espaço. Se se cria novos espaços se incentiva a produção local e creio que, com isso, se possa solucionar o problema de colonização cultural, isto é, a dominação interna. Trata-se de se deixar de lado as obras faraônicas e abrir espaços de trabalho. Precisamos muito mais de dez teatros menores do que um só teatro enorme e mais caro.

— Você se preocupa, em seu trabalho, em classificá-lo dentro de

alguma corrente formal? Por exemplo: Você aceitaria ser chamado de realista?

— Não. Realista no sentido da forma, não. Eu não me preocupo com essas coisas classificatórias: Vanguarda, retaguarda, realista, naturalista. Não é essa minha primeira preocupação. Eu me interesso primeiramente pelo texto. Se o texto me interessa eu trabalho nele. A classificação fica para os críticos. Eles é quem dirão se é realista, vanguarda, retaguarda, naturalista...

— Você já pensou em fazer televisão?

— Realmente não é o que me interessa muito. Eu já fui até convidado pela Globo, mas não me interessa muito. Porque televisão te prende muito. Quando você começa a fazê-la, você não consegue mais parar pois ela te absorve muito.

— Você acha possível levar o teatro para a televisão?

— Que é possível é. Mas tem que haver uma adaptação absoluta da linguagem senão não dá certo. São duas linguagens, são dois meios absolutamente diferentes, tem que haver uma roteirização específica, caso contrário não fica bom.

— Você tem alguma simpatia ou preferência partidária?

— Eu tenho simpatia por algumas correntes do PMDB, do PT, do PCB, do PDT, mas preferência nenhuma.

TE 225  
- João das Neves  
Oficina de direção teatral